



APRESENTAÇÃO

Naira Pinheiro dos Santos*

A Mandrágora chega ao seu 290. volume com classificação Qualis A2. Um longo percurso de excelência na publicação de artigos científicos que articulam perspectivas feministas e religião, com abordagem interseccional e interdisciplinar de temas diversos. Um exercício ainda pouco acolhido no campo acadêmico, mas imprescindível ao conhecimento e à vida, como aponta Ruth Faria da Costa Castanha, no artigo de sua autoria denominado *Igrejas fechadas, feridas abertas: lideranças cristãs no STF durante a pandemia de COVID-19 e atravessamentos de raça, gênero e classe*. A pretensa neutralidade metodológica é questionada pelos atravessamentos de raça, gênero e classe que constituem a vida dxs sujeitxs, de modo que, como pontua a autora, “após tomar consciência da ferramenta da interseccionalidade, nada mais faz sentido se não for pensado, sentido ou visto a partir das inúmeras opressões que cortam a nossa humanidade”. A autora analisou o perfil das lideranças cristãs que atuaram junto ao Supremo Tribunal Federal, nos debates e processos contra a suspensão das atividades presenciais das igrejas durante as primeiras ondas da pandemia de Covid-19, argumentando que isso feriria a liberdade religiosa. Ela aponta que o perfil de tais lideranças - homens brancos de classe média/alta- não corresponde ao da maioria da população brasileira, mas se reflete também no perfil dxs próprixs componentes atuais do Supremo Tribunal Federal. A autora conclui que, dado o recorte de sexo, classe, raça - a atuação dessas

* Doutora em Ciências da Religião (UMESP), graduada em Administração de Empresas (FGV), membro do corpo editorial das revistas Mandrágora e Estudos de Religião, membro do grupo de pesquisa em gênero e religião Mandrágora/NETMAL, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UMESP.



lideranças religiosas visou efetivamente a defesa de seus próprios interesses, revelando, na realidade, menosprezo pelas “minorias, sobretudo a população feminina, pobre e preta/parda”, justamente a parcela entre a qual se verificou o maior índice de mortalidade por Covid-19.

A questão das tentativas de exclusão, apagamento e/ou silenciamento das mulheres, em suas lutas pelo reconhecimento e participação enquanto líderes ou sacerdotisas, é abordada também por outros dois artigos *hors-dossiê* da presente edição.

No artigo *A (im)possibilidade de mulheres nos alojamentos: disputas de gênero na maçonaria*, Fernando Rodrigues de Souza parte do histórico da presença feminina na maçonaria inglesa e francesa, para analisar avanços e retrocessos, controvérsias e modalidades ou configurações específicas de inserção das mulheres, observando-se algumas diferenças num e noutro contexto. Ele pontua que representações tradicionais de gênero, quanto ao caráter das mulheres (sedutoras, enganadoras, dentre outras) e/ou às funções e espaços específicos que seriam destinadas/os a elas (basicamente o espaço doméstico e as funções a ele associado), foram evocadas como argumentos por grupos contrários à sua participação na maçonaria. O autor aponta para as tensões e complexidade da situação atual da maçonaria, e conclui que, não obstante se considere uma instituição de caráter progressista e alguns avanços tenham sido observados, principalmente no contexto francês, certas questões modernas, como a da participação e iniciação de mulheres, parecem constituir ainda “um empecilho de caráter intelectual para diversas obediências e agentes da instituição”.

Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa também analisa, no seu artigo intitulado *A luta pelo reconhecimento da ordenação pastoral feminina nas Assembleias de Deus no norte do Brasil: desafios e conquistas*, as tentativas de silenciamento das mulheres nas Assembleias de Deus, as quais, contudo, não são silenciosas. A autora revela as contradições que atravessam a questão da ordenação feminina nessa denominação: ao mesmo tempo em que as mulheres estiveram desde o início presentes e atuantes no ministério, a autoridade institucional lhes nega continuamente o reconhecimento enquanto pastoras e líderes. Porém aqui também a diversidade institucional possibilitou



o atendimento às reivindicações das mulheres, que passaram a ter direito a voto, a desempenhar funções administrativas e a serem consagradas para o cargo de pastoras nos Ministérios Assembleia de Deus do Norte do Brasil. Um avanço limitado, como aponta a autora, na medida em que, embora tenham autoridade em suas igrejas locais, as pastoras ainda estão sujeitas à liderança de um homem, o pastor presidente e líder máximo das Assembleias de Deus do Amazonas, e também devido à própria influência da cultura misógina que permeia a sociedade mais ampla. Por outro lado, a autora destaca a repercussão que o acesso das mulheres ao pastorado pode ter, tanto pelo fato de que estas “abriram caminho para o crescimento do ministério pastoral feminino no futuro”, quanto pelo aspecto simbólico, por reafirmar “que é possível uma sociedade mais igualitária”, tanto no âmbito religioso quanto da sociedade mais ampla.

No artigo *Homossexualidade, umbanda e a lógica discursiva do desejo: um relato de experiência na clínica psicanalítica*, Hugo Tanizaka e Miria Benincasa partem de um estudo de caso no campo da psicanálise para analisar, em perspectiva interseccional como a umbanda funcionou como um “potencializador do encontro saudável” da paciente consigo mesma, com o entrecruzamento de suas identidades de raça, gênero e orientação sexual, diante de imperativos, sociais, culturais e morais dominantes. Xs autorxs concluem que, a perspectiva” inclusiva da Umbanda, frente às questões da orientação sexual, foi determinante para um processo de reorganização e reestruturação de personalidade da paciente analisada”.

Note-se finalmente que o presente número conta com artigos que tratam de religiosidades diversas e mesmo pouco pesquisadas em perspectiva de gênero, como no caso dos artigos sobre maçonaria e sobre umbanda, apresentados acima, e de um artigo sobre o Daime que compõe o excelente dossiê deste semestre, *Teologia Feminista: perspectivas de análise*, organizado pelas Profa. Dra. Jaci de Fátima Souza Candiotto e Profa. Dra. Naira Pinheiro dos Santos, o qual conta com seis artigos e uma resenha.

Boa leitura!